

Entre guerras e traduções: literatura brasileira em inglês, a USIA e Alfred A. Knopf*

Between wars: Brazilian literature in English, the USIA and Alfred A. Knopf

Marly D'Amaro Blasques Tooge¹

RESUMO: Este artigo discorre sobre as relações políticas e de poder nas quais estiveram envolvidas as traduções de obras brasileiras para o idioma inglês no período da Guerra Fria. Prioriza-se o trabalho dos tradutores da Alfred Knopf Publishers, em especial de Barbara Shelby, e as restrições de disputas que resultaram na formação de um imaginário brasileiro. Questões importantes como a *The War Against the Authors* (Guerra contra os autores) travada pelo governo estadunidense contra importantes nomes da literatura mundial, o *Freedom to Read Statement* (Declaração de Liberdade de Leitura) e a resistência de editores e escritores são tratadas aqui. Destacam-se ainda aqui o processo de tradução das obras de Gilberto Freyre, Jorge Amado e Guimarães Rosa e as diferentes contendas entre os agentes envolvidos nas traduções.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Literatura brasileira. Alfred A. Knopf, USIA, Barbara Shelby.

ABSTRACT: This article analyses the political and power relations involved in translating Brazilian works into English during the Cold War. It focuses on the work of the translators at Alfred Knopf Publishers, especially Barbara Shelby, and the restrictions of the disputes that resulted in the formation of a Brazilian imaginary. Important issues such as “The War against the Authors” waged by the US government against important names in world literature, the “Freedom to Read Statement” and the resistance of publishers and writers are addressed here. The translation process of works by Gilberto Freyre, Jorge Amado and Guimarães Rosa and the different disputes between the agents involved in the translations are also highlighted.

KEYWORDS: Translation. Brazilian Literature. Alfred A. Knopf. USIA. Barbara Shelby.

¹ Doutora pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Tradutora e Intérprete Pública e Professora do Curso de Formação de Tradutores da Associação Alumni. Membro do Grupo de Estudos de Tradução e Adaptação da USP. E-mail: marly.tooge@ufabc.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4348-8793>.

*Artigo recebido em 20 de setembro de 2023 e aceito para publicação em 30 de novembro de 2023.



Introdução

O processo tradutório é muitas vezes mais complexo do que se assume. A migração de narrativas para meios socioculturais diversos reflete muito das relações humanas entre os agentes que a executam. Por trás dos processos tradutórios estão as marcas das disputas, desigualdades e hierarquias de poder. São produtos de mentes que divergem, de falas que não se ouvem, pensamentos que se distorcem, grupos que competem por poder e interesses maiores do que apenas os literários e comerciais. As traduções refletem como pessoas, grupos, povos ou nações se relacionam.

Há um complexo mecanismo de negociações de significados entre escritores, editores, mecenas (ou patronos) e demais agentes que resulta da tensão entre a luta por reconhecimento e poder, pelo domínio do impacto das obras e questões políticas, ideológicas e econômicas. Daí surgem as nuances do relacionamento entre tradutores e editores, diretores e produtores, resultando em novas estéticas e formas de interpretação das obras. Esses fenômenos se encaixam com o que foi tratado em obras como as de Lefevere (1992), Tymoczko (2003 e 2006) e Casanova (2015), além de serem processos evidenciados nas pesquisas dentro da Historiografia da Tradução.

Neste trabalho, a disputa que nos importa é marcada por batalhas dentro de polissistemas literários (EVEN-ZOHAR, 1987) do século XX. Dados coletados em pesquisa anterior (TOOGE, 2009) demonstraram que as traduções de obras literárias brasileiras para a língua inglesa nos Estados Unidos foram usadas como instrumento de *soft-power*². Existiram dois momentos de pico no número de traduções de obras latino-americanas para o inglês no século XX: após o início da Segunda Grande Guerra e no início da Guerra Fria, e logo após a Revolução Cubana (COHN, 2006; MORINAKA, 2019). Eles foram decorrência das políticas de diplomacia cultural:

A Segunda Guerra Mundial foi marcada por um esforço muito mais concentrado por parte do governo para se envolver em diplomacia cultural e esforços de informação no exterior, uma estratégia que incluía o uso de livros. O trabalho de diplomacia cultural e de informação durante e após a Segunda Guerra Mundial foi realizado com a ajuda do setor privado e de associações profissionais, formando uma “rede estatal-privada” (LAUGESSEN, 2016, p. 21-22, tradução nossa)³.

² Ver Nye, Joseph, *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Public Affairs, 2004.

³ No original: *World War II saw a much more concerted effort on the part of government to engage in cultural diplomacy and information efforts abroad, a strategy that included the use of books. Cultural diplomacy and information work during World War II and after was done with the assistance of private industry and professional associations, forming a 'state-private network'.*



São relevantes as observações de Laugesen (2016) a respeito da importância das publicações literárias também no período pós-guerra:

Logo após o fim da guerra, o governo se afastou da diplomacia cultural e do trabalho de informação no exterior. No entanto, com o início das tensões com a União Soviética e o começo da Guerra Fria - uma guerra marcada tanto por ideologias concorrentes - a cultura e a informação voltaram a ser consideradas importantes. O *Council of Books in Wartime* (Conselho de Livros em Tempos de Guerra) adotou o slogan "*Books are Weapons in the War for Men's Minds*" (Livros são armas na guerra pelas mentes dos homens) ao tentar demonizar o nazismo - um slogan que parecia adequado também para a Guerra Fria. A Guerra Fria seria frequentemente referida como uma guerra por "corações e mentes", com ambos os lados vendo a cultura como tendo um papel importante, ainda que instrumental, na conquista da vitória Laugesen (2016, p. 21) (tradução nossa)⁴.

Laugesen aponta que a indústria de livros se utilizou do interesse governamental estadunidense de expansão política, vendo a criação do hábito da leitura e a resistência à censura do Macarthismo como questões importantes ao setor. Nada mais representativo do que foi exposto acima do que o *Freedom to Read Statement* (a Declaração de Liberdade de Leitura) de autoria da *American Library Association and Association of American Publishers* (Associação Americana de Bibliotecas e Associação de Editores Americanos), cujo mote, que ainda pode ser acessado pela Internet, defende que: "a liberdade de leitura é essencial para nossa democracia. Ela está sendo continuamente atacada⁵." Naquela época, ser cooptado pelo estado era ironicamente visto como vantajoso pelos editores, já que conseguiam condições de publicação (Laugesen, 2006, p. 23). Dessa forma, os programas de livros da Guerra Fria foram moldados por uma série de visões, por vezes contraditórias, sobre como a literatura contribuiria para os esforços de diplomacia cultural na Guerra Fria.

⁴ No original: *In the period immediately following the end of the war, the government retreated from cultural diplomacy and overseas information work. But with the onset of tensions with the Soviet Union and the beginning of the Cold War—a war as much about competing ideologies as anything else—culture and information were again regarded as important. The Council of Books in Wartime had adopted the slogan "Books are Weapons in the War for Men's Minds" as they sought to demonize Nazism—a slogan that seemed apt for the Cold War as well. The Cold War would often be referred to as a war for "hearts and minds," with both sides viewing culture as having an important, if instrumentalist, role in achieving victory.*

⁵ Ver link de acesso em: uniteagainstbookbans.org/freedomtoread/#statement (Acesso em 06/07/2023).



As traduções de Knopf, Jorge Amado e o Brasil cordial

Em 1953 foi criada a *States Information Agency* (USIA) (Agência de Informações dos Estados Unidos), que passou a supervisionar as publicações dos programas de tradução existentes. Foi dessa complexa dinâmica de interesses e poder, que envolvia a USIA, que fez parte Alfred Abraham Knopf. O magnata da indústria de livros que sempre trabalhou no mercado de traduções passou a ter grande interesse pelo Brasil e seus escritores a partir da década de 1940, quando utilizou verbas do governo estadunidense para buscar obras significativas para a política de Boa Vizinhança de Roosevelt. Foi esse o ponto de partida para o processo de exportação de muitas obras literárias brasileiras para os Estados Unidos. A seleção dessas obras, porém, nem sempre dependeu da vontade do próprio Knopf ou de sua atuante esposa Blanche. As restrições impostas pelo governo e suas agências, vinculadas aos ideais da Guerra Fria, ditavam as escolhas de escritores e obras. Existiam, porém, interesses de outros grupos além dos governamentais. Como veremos adiante, após o extermínio e o genocídio judaico gerado pelo arianismo durante a guerra, o tema do racismo passaria a ter destaque.

Como aponta Marcos Maio ao explicar a missão da UNESCO no Brasil no período pós-guerra:

A “opção Brasil” guarda íntima relação com o contexto internacional da época. Após os resultados catastróficos da Segunda Guerra Mundial, a Unesco foi criada tendo como um de seus principais objetivos tornar inteligível o conflito internacional e sua consequência mais perversa, o Holocausto. A persistência do racismo, especialmente nos EUA e África do Sul, o surgimento da Guerra Fria e o processo de descolonização africana e asiática mantiveram a atualidade da questão racial. A Unesco, em perspectiva igualitária e universalista, estimulou a produção de conhecimento científico a respeito do racismo, abordando as motivações, os efeitos e as possíveis formas de superação do fenômeno (MAIO, 1999, p. 143).

Como se vê, a questão judaica era de relevância para toda a luta antirracista. Alfred Abraham Knopf também pertencia à família judaica, ainda que nunca levantasse abertamente uma bandeira de defesa do judaísmo e, em seu caráter aristocrático, mantivesse total discrição quanto ao assunto. Knopf fundou sua editora em 1915, em Nova York. Sua primeira esposa, Blanche Knopf, uma mulher de personalidade forte e decidida, foi quem primeiro viajou ao Brasil em 1942, em busca de obras brasileiras para serem levadas “aos olhos do Tio Sam”. Com o intuito de encontrar autores que se adequassem ao projeto



de Boa Vizinhança. Lembramos que os objetivos incluíam alcançar aliados através do *Soft Power* e que a valorização do trabalho dos intelectuais das letras poderia funcionar como forma de cooptá-los ao projeto estadunidense. Havia a necessidade de retratar a cultura dos países da América do Sul de forma a agradar ao público interno nos EUA. Um exemplo clássico da atmosfera que se tentou gerar à época é o curto documentário *Brazil at War*⁶, onde o Brasil aparece como grande aliado dos Estados Unidos, que foi produzido e exibido pelo Escritório de Informação de Guerra dos Estados Unidos e pelo Escritório de Assuntos Interamericanos durante a Segunda Guerra Mundial, o *Office of the Coordinator of Interamerican Affairs* (OCIA). Conforme analisamos em trabalho anterior (TOOGE, 2009), tais imagens do “bom vizinho” brasileiro eram sempre vinculadas aos estereótipos de um país exótico, alegre, sensual, com mulheres bonitas e homens “malandros”, mas cordiais. Um país tolerante e que se aliava aos Estados Unidos. As traduções precisavam seguir essa tônica. Assim, apesar das alegações de que a intenção dos intercâmbios culturais fosse “conhecer o outro”, esse outro não podia ser tão diferente a ponto de gerar rejeição, o que fatalmente levava a uma domesticação das obras estrangeiras.

A tônica da mestiçagem como conciliadora dos conflitos interracializados era sempre mantida, de forma a transmitir e reforçar a ideia do Brasil como uma “democracia racial”. Até mesmo as obras de Jorge Amado, traduzidas para o inglês pela Knopf Publishers e que conseguiram sucesso de vendas, foram apresentadas ao público sob essa égide, de forma oposta ao que aconteceu nos países da antiga “cortina vermelha” por exemplo. O maior sucesso de vendas do autor baiano foi a versão domesticada de *Gabriela, cravo e Canela* (1958), publicada com o título de *Gabriela, clove and cinnamon*, foi anunciada nos Estados Unidos como representante da “liberação artística do Senhor Amado de um longo período de compromisso ideológico com a ortodoxia comunista” (ONÍS, 1962), enquanto nos países da cortina vermelha, toda a obra do autor foi majoritariamente vista como a de um representante dessa mesma ortodoxia.

Foi também através de Blanche e Alfred que Gilberto Freyre se tornou um nome conhecido no meio acadêmico de língua inglesa, uma vez que as traduções migraram dos Estados Unidos para a Europa, tendo ainda mais destaque por lá. Freyre foi um grande divulgador da ideia de que no Brasil existia uma tolerância racial maior do que nos Estados Unidos. Apesar de não ter sido ele a cunhar o termo, Freyre ficou conhecido como o pai da ideia de “democracia racial brasileira”. Mas suas proposições foram desconstruídas e considerados um mito (o mito da democracia racial) tanto pela própria

⁶ Disponível em www.youtube.com/watch?v=kpv_HQIRUiE, acesso 18/08/2023.



UNESCO, que visitou o país para estudar as relações raciais no Brasil, quanto por vários estudiosos na área (MAIO, 1999, p. 143).

Alfred Knopf também despendeu grandes esforços nas décadas de 1960 e 1970 para levar as obras de Jorge Amado aos Estados Unidos, junto com sua defesa da mestiçagem e da luta contra o racismo. Em correspondência de 25 de agosto de 1970, Knopf afirmou a Shelby o desejo de inserir *Tento of Miracles* (1971), a versão em inglês de *Tenda dos Milagres* (1969), em setores estratégicos, para que conseguisse ter boas vendas. Vale ressaltar que nesta obra, Jorge Amado atacou diretamente a questão do racismo, mas não apresenta os movimentos de negritude como alternativa e sim a mestiçagem. Em 1989, Amado chegou a afirmar em uma entrevista à revista *Courier* da UNESCO que estava convencido de que “no longo prazo, há uma única solução real – absorver o racismo na mistura das raças”. O escritor baiano nunca escondeu sua admiração pela obra de Freyre e seu olhar sobre o “valor do mestiço”, apesar de os escritores serem inimigos políticos e defenderem diferentes ideologias. Amado fez parte do Partido Comunista até o final da década de 1950, enquanto Freyre era direitista e pertencia à UDN. A solução de Jorge Amado era conciliadora, já que ele acreditava que não se poderia odiar um filho, ainda que ele fosse resultado da “mistura de raças”. Todavia, pesquisadores e acadêmicos apontam a questão controversa de que a mestiçagem também foi utilizada no Brasil como forma de “branqueamento” da população, com o objetivo de fazer desaparecer a população negra do país (SHWARCZ, 2012).

Knopf, que já tinha sido “comprade” de Freyre, passa com o tempo a ser amigo pessoal de Jorge Amado, com quem trocou correspondência até falecer, em 1984 (TOOGE, 2009).

Knopf e o Serviço de Informação

Alfred A. Knopf sempre esteve, de alguma forma, vinculado aos programas e projetos do governo dos Estados Unidos. Consta que a editora tenha sido procurada logo no início da Guerra Fria, para colaborar com o programa de diplomacia cultural e anticomunista, conseguindo direitos autorais de tradução de várias obras que seriam distribuídas no exterior através de programas governamentais. Segundo Laugesen, Knopf era solicitado a colaborar fornecendo direitos autorais a custos baixos para dois programas: o de tradução de livros de baixo custo da Agência de Informação dos Estados Unidos (USIA) e o programa da Franklin Books Inc., uma organização semiprivada dirigida por “livreiros” do setor editorial estadunidense de países como a Indonésia, o Paquistão e países do Oriente Médio (LAUGESSEN, 2016, p. 9).



O casal Alfred e Blanche publicou obras de autores com diferentes pensamentos políticos, inclusive comunistas, na década de 1940, quando as fronteiras europeias se fecharam por conta da guerra. Nessa época, o comunismo era visto como uma ameaça menor do que o nazismo e o fascismo. Mas tal percepção mudou com a Guerra Fria e os mesmos autores outrora ignorados, se tornaram *personas non-gratas* aos olhos das autoridades estadunidenses. Por trás das cortinas da diplomacia pública, passou a se esconder muita desconfiança interna. Em 1988, o autor, editor, jornalista, dramaturgo, produtor televisivo e documentarista Herbert Mitgang publicou o livro chamado *Dangerous Dossiers: Exposing the Secret War Against America's Greatest Authors* (Dossiês Perigosos: Expondo a Guerra Secreta Contra os Maiores Autores da América), revelando as informações que conseguiu apelando ao *Freedom of Information Act*⁷ (Lei de Liberdade de Informação) junto ao governo dos Estados Unidos.

Conta Mitgang que durante grande parte do século XX, o governo federal estadunidense vigiou muitos dos mais venerados autores e dramaturgos do país, mantendo sob vigilância escritores estrangeiros renomados e lidos internamente. O USIA mantinha dossiês que lançavam “uma sombra de criminalidade” sobre “personalidades literárias proeminentes”, afirma Mitgang (1988, p. 26-28). Em um capítulo dedicado a Knopf, Mitgang revela que:

O governo manteve dois dossiês sobre Alfred A. Knopf (1892 a 1984), um dos editores mais estimados do século 20 e que apresentou muitos dos maiores tesouros da literatura americana e mundial aos leitores dos Estados Unidos. Ambos incluíam material que atacavam diretamente a privacidade de seu papel como editor: o assunto de alguns dos livros que ele escolhia para publicar e a suspeita sobre as tendências comunistas de alguns dos autores ilustres de sua lista. Um dos comentários mais reveladores em seu dossiê no FBI, escrito em 9 de fevereiro de 1965, cerca de 10 anos após as profundezas do Mccarthismo, diz “os arquivos do FBI mostram que a Alfred A. Knopf Publishers publicou vários livros escritos por pessoas sobre as quais foram feitas alegações de tal natureza que levantariam dúvidas quanto à sua lealdade” (MITGANG, 1988. p. 247) (tradução nossa)⁸.

⁷ Ver maiores informações em www.foia.gov/about.html. Acesso em 06/07/1963.

⁸ No original: The government maintained two dossiers on Alfred A. Knopf (1892 to 1984), one of the most esteemed publishers of the 20th century and who introduced many of the greatest treasures of American and world literature to readers in United States. both included material that went to the heart of privacy in his role as a publisher: the subject matter of some of the books that he chose to publish and suspicion about the communist proclivities of some of the distinguished authors on his list. One of the most revealing comments in his FBI dossier, written on February 9, 1965, some 10 years after the lower depths of McCarthyism, reads: “the files of the FBI reflect that Alfred A. Knopf Inc., has published numerous books written by persons concerning whom allegations have been made which were of such a nature as would raise questions as to their loyalty.



Mitgang concedeu uma entrevista a Terry Gross, uma jornalista, apresentadora e coprodutora executiva de um programa de entrevistas chamado *Fresh Air*, produzido pela estação de rádio pública WHYI-FM na Filadélfia e distribuído pela rede de rádio pública NPR. A entrevista de Mitgang pode ser ouvida on-line, revelando o que ele chamou de um sentimento “anti-intelectual” do FBI ao levar a cabo tal “Guerra Contra os Autores”⁹.

Curiosamente, Knopf esteve em contato próximo com agentes da USIA por vários anos, inclusive com uma tradutora indicada pelo governo dos Estados Unidos para “colaborar” na execução de seus projetos. Falo de Barbara Shelby, que sendo agente da USIA no Brasil, foi solicitada a trabalhar “nas horas vagas” como tradutora da Knopf Publishers.

Shelby concedeu uma entrevista a Lewis Hoffacker, da *Library of Congress* (Biblioteca do Congresso Americano) em janeiro de 2000, publicada on-line¹⁰, na qual revelou muito de sua vida. Nascida no Texas, a agente era filha de mãe mexicana, com antecessores de origem alemã. A mãe e o pai se conheceram na Universidade do Texas, onde a própria agente-tradutora chegou a ensinar Literatura depois de aposentar-se da Agência. Foi com sua mãe que Shelby aprendera espanhol, algo que auxiliou quando a jovem, desejosa de conhecer o mundo, se inscreveu em uma vaga para trabalhar no USIA. Dessa forma, tinha-se ali uma agência governamental investigando um editor e fazendo com que ele que contratasse uma de suas agentes para trabalhar consigo, como tradutora, o que ele sempre aparentou aceitar de bom grado: uma situação, no mínimo, peculiar.

Shelby relatou seu primeiro contato com Knopf da seguinte forma:

No ano seguinte ao assassinato de John Kennedy, Robert Kennedy estava vindo para São Paulo, Brasil, e nós estávamos planejando... planejando o que faríamos. Eu estava sentada ao lado do nosso adido cultural e não sabia de nada, [estava] procurando algo para dizer [e] ele disse: “Você conhece algum tradutor?” E eu disse: “Bem, eu mesma traduzo”. É claro que nunca traduzi, mas realmente achei que gostaria de fazê-lo. E ele disse que Alfred Knopf estava procurando tradutores. Então eu disse: “[Estou disponível]”. Então ele disse: “Vá falar com Alfred Knopf quando estiver em Nova York, quando estiver de licença”. E eu o fiz, ficamos amigos e traduzi vários romances brasileiros para a Knopf, e há mais informações sobre isso no anexo que lhe enviaremos, mas eu podia fazer isso no meu chamado tempo livre, geralmente quando

⁹ Disponível em: <https://freshairarchive.org/guests/herbert-mitgang>, acessado em 19/08/2022.

¹⁰ Disponível em: <https://tile.loc.gov/storage-services/service/mss/mfdip/2007/2007mer01/2007mer01.pdf>. Acessado em 19/08/2022.



estava de licença. E era mais ou menos no “intervalo”. Era difícil. O Serviço de Relações Exteriores não era um trabalho das nove às cinco. Mas quando eu tinha férias, principalmente quando estava de licença, eu fazia uma tradução para eles, e sou extremamente grata por isso também, porque adoro fazê-lo. Acho que é preciso ser masoquista, mas há uma grande satisfação nisso. Não sei bem como explicar (SHELBY, 2000, p. 65-66). (tradução nossa)¹¹.

Apesar do tom casual com que Shelby descreveu os fatos à época, o relacionamento da agente com Alfred A. Knopf, revelado em sua correspondência, também parecia sugerir que o interesse de Barbara fosse além daquele de falar sobre tradução, ainda que ela o fizesse seu trabalho de forma competente. Suas cartas tratavam de muitos outros assuntos, principalmente questões políticas e comentários seu sobre trabalho na seara política, dentro da USIA. Isso não acontecia com as cartas trocadas com os escritores e ou revisores de seu trabalho, ao menos com aquelas às quais tive acesso em minhas pesquisas¹². O tom usado com Knopf era mais próximo, mais intimista e especulativo. Estaria Shelby também sondando Knopf em colaboração com a USIA e o FBI? Se essa aproximação entre tradutora e editor era por afinidade ou investigação é algo que dificilmente conseguiremos provar.

A situação política no Brasil estava tensa com o golpe de 1964, que teve o apoio dos Estados Unidos, conforme publicamente assumido pelas autoridades estadunidenses há alguns anos, quando estas revelaram sua participação ativa para desestabilizar o governo de João Goulart. O governo do país revelou informações de arquivo sobre aliciamento de militares brasileiros e a organização de operações militares nos dois países para assegurar o sucesso do golpe, o que foi publicado em de 2 abril de 2014 no artigo “O Brasil completa 50 anos do Golpe Militar” (*Brazil Marks 50th Anniversary of Military Coup*)¹³ do Briefing eletrônico do Arquivo de Segurança Nacional

¹¹ The year after John Kennedy was assassinated, Robert Kennedy was coming to São Paulo, Brazil, and we were planning it, planning what we would do. And I was sitting next to our cultural attaché, and I didn't know anything, I [was searching] for something to say [and] he said, “Do you know any translators?” And I said, “Well, I translate myself.” Of course, I never had, but I really thought I would like to. And he said that Alfred Knopf was looking for translators. So I said, “[I'm available].” So he said, “Go and see Alfred Knopf when you're in New York, when you're on home leave.” And I did, and we became friends, and I translated a number of Brazilian novels for Knopf, and there's more about that in the annex which we're going to send you, but I could do that in my so-called free time, usually when I was on home leave. And it was kind of in between. It was hard. The Foreign Service was not a nine-to-five job. But when I did have a vacation, mostly on home leave, I would do a translation for them, and I am extremely grateful for that too, because I love doing it. I think you have to be a masochist, but there's a great satisfaction in it. I don't know quite how to explain it.

¹² Durante minhas pesquisas, tive acesso à parte da correspondência detida pelo *Harry Ranson Research Center* na Universidade do Texas, além das correspondências publicadas nos trabalhos de pesquisadores como Verlangiere (1993).

¹³ No original: “Brazil Marks 50th Anniversary of Military Coup”. Disponível em: <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAE-BB/NSAEBB465/>, acesso em 13/06/2021.

Ver também: “US Role in 1964 Brazilian Military Coup Revealed: National Security Archive”, in Edited by Peter Kornbluh, 2004. 22. “US Role in 1964 Brazilian Military Coup Revealed”. Dominion. April 6 2004.



Livro no 465 (*National Security Archive Electronic Briefing Book No. 465*). O subtítulo do artigo é claro quanto às intenções do governo dos Estados Unidos: No 50º aniversário, o Archive posta as transcrições de áudios sobre a trama de golpe contra o presidente João Goulart (*On the 50th anniversary Archive posts Kennedy Tape Transcripts on coup plotting against Brazilian President Joao Goulart*)¹⁴. Nada disso nunca foi obviamente mencionado por Shelby. A tradutora sempre se manteve discreta, dizendo-se alheia aos fatos políticos concretos. Mas é importante lembrar que Shelby começou a trabalhar com Knopf, em 1965, traduzindo para o inglês a obra *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado, um ex-comunista. Assim que assumiu o trabalho como tradutora, Shelby já iniciou um diálogo por cartas, de cunho bastante político, com Alfred A. Knopf.

Cabe aqui informar que algumas das cartas trocadas entre Barbara Shelby e Knopf foram fornecidas a mim pela própria tradutora quando do início de minha pesquisa sobre as traduções de Jorge Amado nos Estados Unidos. Após longas tentativas de contato, consegui explicar minha pesquisa à tradutora, que se prontificou a colaborar.

A atitude da agente aposentada da USIA foi, certamente, diplomática, na medida em que ela se dispôs a contribuir com o trabalho de pesquisa universitária. Ao fornecer sua correspondência, Shelby não escondeu a troca de opiniões políticas com o editor, talvez porque elas fossem demasiadamente constantes e impossíveis de ocultar.

Nessa época, as cartas entre Knopf e Shelby discutiam sobre assuntos como as atitudes de ninguém menos do que o escritor Juan Bosch, (ex-)presidente da República Dominicana, que governou entre 1962 e 1963, tendo sido eleito após anos de oposição à ditadura de Rafael Trujillo. A administração progressista de Bosch acabara rapidamente por conta de um golpe de estado pelo qual ele foi deposto, sem o apoio dos Estados Unidos. Knopf havia publicado, também em 1965, a obra *The Unfinished Experiment: Democracy in the Dominican Republic* (A experiência inacabada: Democracia na República Dominicana). Outro personagem político de peso a “frequentar” os comentários entre editor e tradutora foi o polêmico político Carlos Lacerda. Shelby comentou em carta tê-lo em um jantar de “ALUMNIS” (que ela define como uma sociedade de pessoas que tinham estudado nos Estados Unidos). A tradutora diz estar encantada com o magnetismo de Lacerda. Knopf, porém, questiona o caráter de Lacerda em sua próxima correspondência¹⁵,

¹⁴ No original: “On 50th anniversary, Archive posts new Kennedy Tape Transcripts on coup plotting against Brazilian President Joao Goulart”.

¹⁵ Correspondência entre Alfred A. Knopf e Barbara Shelby datadas de 5 de agosto de 1965 e 14 de setembro de 1965.



se diz decepcionado com o resultado das eleições (que não ocorreram) no Brasil, e esperançoso na liderança do general Castelo Branco.

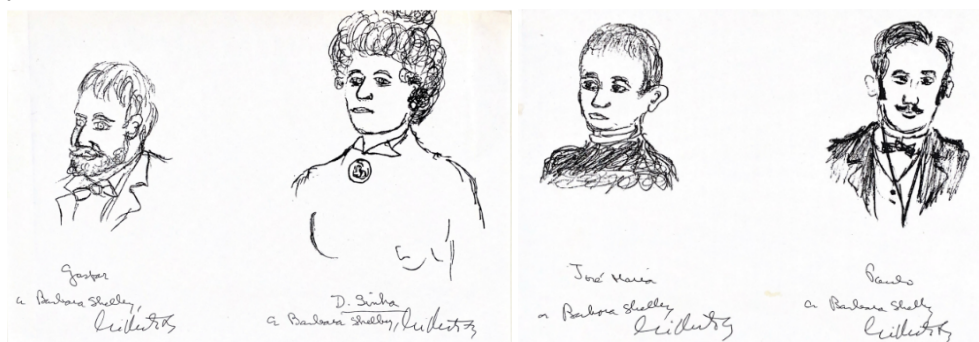
Knopf, Shelby e Freyre

Os comentários políticos de Knopf e Shelby se intercalavam com as informações sobre a próxima tradução de um livro de Freyre, sua primeira tentativa de escrever um texto de ficção. Shelby comenta que um bom editor (no inglês *editor* e não *publisher*) poderia melhorar muito o texto de Freyre, que era muito cheio de repetições e deixava de fora detalhes que poderiam enriquecer e dar veracidade aos personagens. Disse ainda compreender que um sociólogo teria dificuldade de criar personagens verossímeis. Freyre também passou a escrever diretamente a Barbara Shelby durante a tradução para o inglês de *D. Sinhá e o Filho Padre* (1964), trabalho com o qual ela ganhou o National Book Awards de 1968 como melhor tradução¹⁶.

Um fato no mínimo curioso aconteceu 1966. Freyre enviou uma longa carta a Shelby com os desenhos que fizera de seus personagens, querendo mostrar-lhe a forma como os tornava complexos e detalhados, dando a impressão que o escritor soubera das críticas da tradutora.

Freyre parecia adivinhar, ou mesmo conhecer, os comentários anteriores de Shelby e querer contestá-los, mas não temos evidência de que isso tenha realmente ocorrido.

Desenhos enviados Gilberto Freyre a Barbara Shelby – os personagens de *D. Sinhá e o filho padre*.



Fonte: cartas enviadas por Barbara Shelby.

Shelby trocava correspondência também com os editores (no sentido de *editors*) que passaram a ser contratados por Knopf ao longo dos anos.

¹⁶ Fonte: Pataforma da National Book Foundation, disponível em www.nationalbook.org/books/freyres-mother-and-son. Acesso: 01/05/2023.



Eles por vezes intermediavam as comunicações com os escritores. As disputas de poder seguiam fora da editora (em esferas até governamentais) e dentro dela (entre o *staff* envolvido). Era comum que os editores questionassem o trabalho dos tradutores, que buscassem alterar os termos utilizados.

Uma contenda interessante nesse contexto aconteceu anos mais tarde. Foi o enfiamento entre Barbara Shelby e a editora Jane Garret sobre a tradução do termo “bedeu” na obra *Tenda dos milagres* (1968) de Jorge Amado. Shelby, que não costumava entrar em conflito quanto às alterações propostas pelo editor Herbert Weinstock, decide enfrentar Garret. Teria ela menos temor de uma editora mulher? Shelby havia escolhido o termo “*runner*” para sua versão em língua inglesa, após consultar por carta o próprio autor sobre o significado do termo.

Jane Garret decidiu desafiar a escolha de Shelby, sugerindo a troca por “*janitor*”, alegando que a escolha de Shelby não daria ao leitor estadunidense a correta noção do cargo. Garret acreditava que Shelby tinha feito a escolha como forma de buscar o “sabor da época”.

Shelby refuta de forma incisiva a intervenção de Garret, rendendo-se apenas à hierarquia dos cargos, mas dizendo-se confiante na escolha feita anteriormente. A disputa acaba sendo vencida pela tradutora, que mantém o termo “*runner*” em sua tradução. Os tradutores foram ainda alvos do olhar da crítica. O caso mais notório aconteceu com a tradutora que antecedeu Shelby nos quadros da Knopf Publishers Responsável por inserir a obra de Guimarães Rosa no portfólio de publicações de Knopf, De Onís tinha sido muito criticada pela escolha de termos muito exóticos na tradução de *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) de Jorge Amado, lançado como *Dona Flor e her two husbands* (1969). Mas ao tentar traduzir *O Grande Sertão Veredas* (1956) de Rosa, cujo título em inglês ficou *The Devil to pay in the backlands* (1963), De Onís adoece e a tradução é terminada por um tradutor com muito mais tendência a domesticar as obras traduzidas do que ela, James Taylor, que tinha sido o tradutor de *Gabriela*. Mas a crítica atacou foi mesmo De Onís, por não ter seguido a escrita peculiar e exótica do autor (TOOGE 2010, PISETTA, 2020). Foi mais um caso em que o sexo masculino foi menos atacado do que o feminino.

O que podemos observar com todos esses exemplos é que o jogo de poder esteve presente em todos os níveis hierárquicos dos processos de tradução da época. As informações contidas neste artigo servem para demonstrar a relevância da atividade tradutória e necessidade de se conhecer os bastidores das políticas e das relações de poder envolvidas nos grandes projetos governamentais de tradução. Cabe aos pesquisadores da área de



tradução de hoje refletir sobre as camadas de poder envolvidas nos programas de tradução ao redor do mundo e as consequências das ideologias e hierarquias envolvidas.

Referências

- CASANOVA, P. **La langue mondiale-Traduction et domination**. Col. Liber. Paris: Seuil, 2015, Collection: Liber.
- CAMPOS, H. **Metalinguagem & outras metas**. São Paulo: Perspectivas, 1992.
- CASANOVA, P. **A língua mundial: tradução e dominação**. Tradução de Marie Helene Torres. Florianópolis: EDUFSC, 2021.
- COHN, D. A Tale of Two Translation Programs; Politics, the Market, and Rockefeller Funding for Latin American Literature in the United States during the 1960s and 1970s. **Latin American Research Review**, vol. 41, n. 2, p. 139-164, 2006.
- EVEN ZOHAR, I. The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem. **Translation Across Cultures**. Toury, Gideon, ed. New Delhi: Bahri, p. 107-115, 1987.
- GUIMARÃES, A. S. A. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos Cebrap**, n. 61, p. 147-162, 2001.
- LAUGENSEN, A. American Publishers, Books, and the Global Cultural Cold War: Alfred A. Knopf Publishers and the United States Information Agency, 1953-1970. **Australasian Journal of American Studies (AJAS)**, 2016.
- LEFEVERE, A. **Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context**. Modern Language Association of America. New York, 1992.
- Maio, M. C. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 14, n. 41, 1999.
- MITGANG, H. **Dangerous Dossiers: Exposing the Secret War against America's Greatest Authors**. New York, D. I. Fine, 1988.
- MORINAKA, E. M. Books, **Cultural Exchanges and International Relations: Brazil and the United States in a Context of War (1941-1946)**. 2019.
- MILTON, J. Translating Classic Fiction for Mass Markets. **The Translator**, vol. 7, n. 1, 43-69, 2001.
- MILTON, J. "The Resistant Political Translations of Monteiro Lobato." **The Massachusetts Review**, vol. 47, n. 3, p. 486-509, 2006.
- ONÍS, J. The town's story is the land's. **The New York Times**. Sep 16, 1962.
- PISETTA, L. M. R. O lado menos conhecido da história da primeira tradução de Grande sertão: veredas para o inglês. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, vol. 59, n. 2, p. 1288-1309, 2020.



RENVOISÉ, P. ; MORIN, C. **Neuromarketing : understanding the “buy button” in your customer’s brain**. Nashville, Tenn: Thomas Nelson, Harper Collins Leadreship, 2007.

VERSIANE, F. R. Escravidão “suave” no Brasil: Gilberto Freyre tinha razão? **Revista de Economia Política**, vol. 27, n. 2 (106), p. 163-183, 2007.

TYMOCZKO, M. Ideology and the Position of the Translator: In what Sense is a Translator “In Between”? In M. Calzada Pérez (ed.). **Apropos of Ideology: Translation Studies on Ideology -Ideologies in Translation Studies**. Manchester: St. Jerome Publishing, 2003.

TYMOCZKO, M. Translation and Political Engagement. Activism, Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts. **The Massachusetts Review**, vol. 47, n. 03, 2003.

TOOGE, M. D. B. **Traduzindo o *Brazil*: o país mestiço de Jorge Amado**. FFLCH/USP, 2009.

SCHWARCZ, L. M. Do preto, do branco e do amarelo: sobre o mito nacional de um Brasil (bem) mestiçado. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 64, n. 1, p. 48-55, 2012 .

SCHWARTZ, D. The books have been burning. **CBC News**. Canadian Broadcasting Corporation. Archived from the original on 7 June 2022. Retrieved 15 December 2017.

